

## Beijo no Rocha

João Gilberto Noll

*A*h que delícia esses víveres na mesa, ordenados com esmero sobre a toalha roxa, a marcha-rancho grave entoada pela sala entre as camélias de um perfume diria que indefeso, quase pronto a sangrar... Que delícia sim, eu estaria sempre disposto a dizer que delícia enquanto não me matassem de tédio aquelas reuniões na casa do insensato que me queria no pastoreio de sua serpenteante e interminável fala: a toda a hora ele falava, emitia observações alentadas até sobre indícios que não chegavam a ser — para ele, a sobrevivência exigia comentários sobre rigorosamente tudo, um inchar-se todo em ardores opiniáticos, e o pior: no desfecho desses encontros, eu era obrigado a dizer coisas como aqui você se excedeu, e ali, no início, quando você pensava estar dizendo a essência foi demasiadamente vago, reticente... coisas assim, repito, exasperantemente assim...

Então eu estaria sempre disposto a olhar aquela mesa com os víveres e a toalha roxa... a escutar o rancho entoado entre o perfume indefeso das camélias, e mais e mais não fosse aquele homem que me pagava por semana para eu dizer ninharias a respeito de suas observações sobre o mundo, sobre danos, crispações, sobre sua própria língua (em raras ocasiões esta língua parecia entrar em colapso, quando se encerrava naquela espécie de tumba entre os dentes arruinados que se negavam a qualquer tratamento — aliás, como os meus)...

Diante do risco de um instante vadio nesses encontros, lá vinha ele a discorrer sobre o seu histórico paladar: «um paladar, eu juro, que conheceu alturas exorbitantemente celestiais, o que me faz viver enfastiado com o que vejo nos bares e restaurantes daqui...» — O que você acha? — era enfim mais uma vez o momento daquele sujeito me perguntar.

— Talvez a solução seja você comer do seu nariz; todo o verdadeiro nariz dá o devido repasto a seu dono.

Foi a primeira vez que o vi rir com rasgada vontade. Deixou as cáries e falhas à mostra, e pela primeira vez um halo de camaradagem desinteressada se insinuou entre nós. O ar como que chicoteou os dois de calor.

— Quer ver? — perguntei.

E me ajoelhei — claro, como se fosse rezar. Mas não rezei. Fiquei ali ajoelhado tentando contabilizar quantas vezes ele repetira naquela tarde a palavra *hosana*.

— Quinze, dezasseis... acho que chegou por aí...

— Não terá sido mais? — ele indagou. Me levantei. Disse que talvez umas duas vezes mais, umas três vezes menos, que por hoje nada tinha sido muito diferente dessas imprecisões, desses rascunhos maltratados, dessas pequenas sínopes de onde exalam ralas fontes de antemão desterradas da sorte de algum lampejo... E lá se vão elas as palavras por esse riacho, ou melhor, por essa vala comum que mais e mais se resseca — me lembrei de acrescentar.

*Ele se levantou da poltrona carmim. Lá fora alguns carros buzinaaram. Ouviu-se um grito. Depois um burburinho. E de repente tudo se tornou apaziguado como se perto de um fim. Não, não, pois o fim nem ao menos se fazia latejar, era ainda um verme num casulo no interior daquela atmosfera ali que ainda e mais se revolvia... não, não havia maneira de já dar um basta no que quer que fosse... Espera!, ouvi como se a dois quarteirões daquele ambiente agora penumbroso, embora eu soubesse que tudo fosse mentira, do início da história até aqui, desde lá onde eu começava dizendo que são uma delícia esses viveres sobre a mesa, a toalha roxa... até há pouco, agora, quando digo que ele se levantou da poltrona carmim...*

*Pois é: e ele se levantou da poltrona carmim, e como já falei reinava por ali um silêncio nesse instante, sim, alguma coisa apaziguada... um silêncio que só interrompi para dizer que calor faz nesta cidade, e aproveitei para tirar a camisa, fazer como ele já fizera desde o início... pois é... e aproveitei também para ir ali no umbigo dele, de onde — como diziam os seguidores de um credo muito antigo numa tribo da hoje Angola —, de onde emanava a primeiríssima força humana: a ruga inestimável, o corte para fora de uma galáxia que desde sempre nos quis presos... Pois foi isto o que fiz: fui ali e beijei. Beijava o umbigo dele, e ali começava para baixo um fio de pêlos qual uma fila de formigas em mais um dia de trabalho, os míseros bichinhos pareciam lavrar a terra azeitonada do seu baixo-ventre, carregando sobre os minúsculos lombos, como penachos, fragmentos de folhas, fiapos quase invisíveis de gravetos — e lá vai a trilha de míseras formigas por mais um dia de trabalho, e tudo poderia escurecer digamos mais que esta noite que nessas alturas já caiu inteira, e eu acendo a lanterna que ele sempre traz por perto e vejo a um palmo um clarão cor de gelo, coberto aqui e ali por uma espécie de sêpia... um clarão assombrado, estático, expectante — pensei que alguma coisa iria acontecer, era questão de segundos,*

*mas não tive tempo, não sei se a palavra é tempo, sei que por um momento me achei covarde, e notei que eu ainda beijava encurvado o umbigo dele, como um velho pedinte, isto, precisamente feito um velho afogando-se no mar da indignância, a debater-se com os lábios em ferida e os dentes dizimados e o colossal rompante de um mau-hálito, todo esturrado de uma força que lhe vinha justamente de uma inépcia nessa quadra para tudo, ali, em nenhum outro lugar mas somente ali, beijando encurvado o umbigo daquele que me queria no pastoreio das palavras — e resolvi então me recompor, lembrei que era o dia do pagamento, aí falei que não esquecesse de me pagar, que o meu preço tinha subido um pouco só para acompanhar o aumento da cesta básica, e na rua me dei conta que eu ainda guardava o dinheiro preso na mão, cravando as unhas por cortar na palma quise me ferindo, e olhei em volta como se querendo arrefecer minha atenção toda posta no dinheiro, e vi o bairro do Rocha onde aquele homem que eu deixara há pouco morava sozinho com seu anel com o crânio de prata, e vi o bairro do Rocha sob a luz de uma lâmpada que piscava a intervalos irregulares, e vi quatro, cinco homens conversando ao pé de um prédio baixo, os homens riam, reconheci neles os ladrões de carros que o homem costumava me contar, é, aquele homem a esta hora já todo saciado da minha audição e comentários, pois este indivíduo aí costumava repetir que «aqueles homens ali não parecem, mas logo mais de madrugada saem em bando para roubar carros», e eu não queria soltar o meu dinheiro até chegar em casa e assim eu ia pelas ruas do Rocha quando dei de cara com um muro de pedra escuro, no outro lado passava o trem da Central, o muro estremecia — cuspi nele — um líquido bem esbranquiçado e espumoso começou a escorrer por sobre as rugas das pedras impregnadas de fuligem, e tudo se aquietava depois da passagem sacolejante do último vagão, e fez-se um silêncio macio como veludo, e me alegrei por não ter mais nada o que falar naquela noite...*